

A Modelagem Sociocultural na Expressão das Emoções (Notas para uma Sociologia e Antropologia das Emoções)

EDUARDO DIATAHY BEZERRA DE MENEZES*

RESUMO

Desde os pioneiros trabalhos de observação sobre a variação cultural na expressão das emoções realizados por Charles DARWIN e da interpretação comparatista por ele proposta [*The Expression of the Emotions in Man and Animals*. New York: D. Appleton & Co., 1873], que os cientistas sociais têm dedicado ao tema uma atenção desigual. Já antes dele, GOETHE, em seu célebre estudo sobre as cores, atribuiu a estas um efeito afetivo ou emocional sobre nós [*The Theory of Colours*. London: John Murry, 1840]. Mais recentemente, sob o influxo, dentre outros fatores, da Psicanálise, da Antropologia simbólica e da Psicologia Social, bem como da revalorização do aspecto de subjetivação no comportamento social, abre-se para a Sociologia um campo novo de pesquisa com a temática das emoções, inclusive como categoria cognitiva crucial na construção social do sentido. Nesta comunicação, pretendo refletir sobre o alcance teórico dessa problemática, examinando alguns casos ilustrativos.

PRELIMINARES

“Nenhuma época acumulou sobre o homem conhecimentos tão numerosos e diversos quanto a nossa. Nenhuma época apresentou tão bem e sob forma mais tocante seu saber sobre o homem. Nenhuma época conseguiu tornar esse saber tão pronta e facilmente acessível. Mas nenhuma época também soube menos o que é o homem. Em nenhuma outra o homem apareceu tão misterioso.”

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

M. HEIDEGGER

KANT UND DAS PROBLEM DER METAPHYSIK [APUD JOLIF: 1970]

“Na vida anímica individual aparece integrado sempre, objetivamente, “o outro”, como modelo, objeto, auxiliar ou adversário, e, desse modo, a Psicologia Individual é ao mesmo tempo e desde o princípio Psicologia Social, em um sentido amplo e plenamente justificado.”

SIGMUND FREUD

Sob a influência de várias correntes doutrinárias e de algumas vertentes ideológicas, a Sociologia estreitou progressivamente sua perspectiva ampla, vigente entre os fundadores da disciplina ao final do século XIX e primeiras décadas do passado século. Penso aqui no próprio Comte e em nomes como Spencer, Durkheim, Tarde, Weber, Mauss, Simmel, Pareto, etc. Ela foi aos poucos perdendo sua fala própria e seus amplos interesses pela multiplicidade da condição humana, inclusive individual, e foi assumindo um discurso de perfil economicista, voltado exclusivamente para estruturas coletivas, onde, portanto, foram-se tornando ausentes questões relativas ao indivíduo, à subjetividade, aos seus desejos, sonhos, fantasias e utopias. Eis por que espanta aos estudiosos, bem informados das origens do pensamento sociológico, a ausência da problemática das **emoções** no campo atual dos estudos sociológicos¹. Impressiona constatar, sendo os humanos seres tão desamparados e sujeitos a conflitos, angústias e dores inumeráveis, oriundas tanto de sua vida interior quanto

¹ Eu me dei o trabalho de examinar vários textos gerais de Sociologia bem como cerca de uma dezena de dicionários da matéria, e me deparei sempre com o silêncio sobre o tema, com uma única exceção, o dicionário dos THEODORSON, que fornece uma simples definição do termo *emotion* e nada mais [1970: 129]. Ao passo que os textos de Psicologia Geral ou de Psicologia Social quase sempre examinam a questão de seus respectivos ângulos de visão. Já no campo da Filosofia, pelo menos desde Platão e Aristóteles, a problemática das emoções, da afetividade, dos sentimentos e das paixões é uma constante.

das condições externas do ambiente social e natural, quão ausentes estão nas preocupações de sociólogos os problemas da afetividade que acompanham tais achaques e perturbações de sua existência, inclusive em certo grau os chamados sentimentos superiores (morais, sociais, estéticos, religiosos, etc.); noutros termos, nossa carência de comunhão grupal, frequentemente frustrada, e tendente a acarretar a solidão moral ou afetiva, mais insuportável que a solidão material. Dimensão, pois, ineludível da boa análise sociológica.

A tradição positivista, ainda dominante na concepção ocidental de ciência, postulava a existência de fronteiras definitivas entre os campos de saber. Isso levou como consequência ao recrudescimento das **especializações**. Há um lado positivo nessa tendência, que propiciou largo avanço do conhecimento por territórios particulares insuspeitados. Mas há também um lado negativo, que reside na sua **fragmentação** e num distanciamento cada vez maior das possibilidades de **síntese**.

Desse modo, um tema como o das emoções, a dimensão afetiva do comportamento e suas questões correlatas, ficaram restritos à conduta individual e ao domínio da Psicologia, sobretudo da chamada Psicologia experimental, que saiu à cata de quantificar tudo o que fosse possível, em especial suas bases neurofisiológicas.

Essa dupla face do ser humano, ao mesmo tempo um organismo vivente e um protagonista sócio-histórico, descambou para uma dicotomia teórica que ora acentua o aspecto de construção cultural da realidade numa quase pura idealidade, ora leva ao desprezo que behavioristas e reducionistas manifestam por tudo quanto se refira à consciência e aos fatores socioculturais. Esta segunda vertente, ainda forte no campo da Psicologia Geral, de inclinação experimentalista, esforça-se por se desembaraçar das condições socioculturais do comportamento humano, considerando-as como fatores parasitas ou, conforme confessa candidamente um autor, tais condições são as “**variáveis indesejáveis**” da pesquisa experimental².

Em face dessa dicotomia infecunda, quero afirmar aqui uma perspectiva nitidamente humanista, que busque a integração dos saberes e a interdisciplinaridade, sobretudo, das Ciências Humanas, que comportam,

2 Cf. C. E. BUXTON: “Étude de la Mémoire et du Transfert”, in T. G. ANDREWS (ORG.): *Méthodes de la Psychologie*, 2 tomes. Paris: PUF, 1952. [t. I, p. 83].

além dos três campos tradicionais (Sociologia, Antropologia e Psicologia), também as contribuições da Filosofia, da História, da Lingüística, da Psicanálise, da Estética e até da Teoria Literária e da própria Literatura. Citando filósofos em apoio de sua concepção, dentre os quais Renouvier e, sobretudo, Bergson, um especialista como Charles Blondel afirma explicitamente que no **romance** e não na **ciência** é que encontramos um recurso privilegiado de acesso ao mundo das emoções, visto que o romance dedica-se a pintar indivíduos, e o grande escritor se esmera em descrever, no interior das consciências individuais, o fervilhar mental que anima sentimentos e paixões, onde se misturam, a cada instante, na infinita multiplicidade de seus matizes pessoais, o passado e o futuro no presente de uma vida. [1960: 212].

Se pudéssemos nos contrapor à corrente avassaladora da tradição desses estudos, eu proporia para essa área de conhecimento abrangente o nome de **Antropologia**, no seu sentido original e etimológico: *o estudo do Homem*³. Infelizmente, esse termo foi capturado pela tendência dominante e consagrado como uma disciplina particular do conjunto das Ciências Sociais, e, o que é mais lamentável, também ela submetida ao processo inexorável de fragmentação: Antropologia Social, Cultural, Física, Etnologia, Arqueologia, etc. Devemos, porém, ter presente a observação judiciosa de quem, como Goblot, sendo simultaneamente filósofo e sociólogo, podia afirmar: “a especialização, nesse tão vasto domínio da *biopsicossociologia*, é apenas divisão do trabalho” e, portanto, não podemos esquecer jamais o caráter compósito e de totalidade dos fenômenos humanos que pretendemos estudar. Eu teria a tentação de aproximar essa perspectiva, como a imagino, da concepção de “*fato social total*” de Mauss, porém ampliando-a de modo a ir além do domínio único da Sociologia. Noutros termos, o estudo dos comportamentos humanos não pode perder de vista que suas múltiplas dimensões são conexas. Mas essa condição prévia de seu estudo não nos deve, por outro lado, levar a negligenciar suas distinções e especificidades, necessárias à clareza e à fecundidade da pesquisa, a despeito da unidade viva de seu objeto.

3 Era essa a concepção da disciplina nas suas origens, como se vê, desde seu título, numa das primeiras obras sobre o assunto: CHAVANNES, A-C.: *Anthropologie, ou Science Générale de l'Homme*, Lausanne, 1788.

Na verdade, só por uma abstração vã ou vazia, ou por mero artifício formal e analítico, é que se pode falar em *homo æconomicus* ou *homo psychologicus*, etc. Isso não existe em nossa realidade concreta e vivida, nem há maneiras de sentir, de pensar e de agir, que sejam de fato comuns a todos os seres humanos. Essa universalidade postulada em certo nível de análise não existe efetivamente. Todo ser humano é datado e enraizado num *locus* cultural.

A amplitude do horizonte humano – que o diferencia enormemente não só, é óbvio, dos invertebrados inferiores, mas, também, mesmo dos primatas e antropóides mais desenvolvidos – estabelece para o homem um campo existencial e fenomenológico próprio que incorpora um tempo histórico que se estende desde um passado remoto até um futuro longínquo; esse passado e esse futuro são realidades presentes no campo humano, que se apoia numa memória individual e coletiva sempre em expansão; é esse horizonte vasto que faz com que os homens atuem em termos de dias, estações, épocas, tempos bons ou infaustos. Igualmente, esse campo existencial e fenomenológico de horizonte largo é povoado por objetos duradouros e categorias (pessoas, grupos, relações, autoridades, etc.) e permite orientar-se por amplos deslocamentos espaciais; assim, os movimentos do sol e demais corpos celestes, as regiões para além do horizonte físico visível, tudo isso é parte integrante de seu meio ambiente. *Uma das partes mais significativas desse vasto horizonte do homem é esse objeto especial que ele próprio se torna para si mesmo.* Do mesmo modo como apreende objetos diferenciados e suas propriedades, ele se torna *autoconsciente*, com seu caráter e seu destino pessoais. Não apenas sente emoções e necessidades externas, em relação aos outros seres humanos e ao real, mas também percebe, sente e pensa sua vida interior. Tais experiências interiores ampliam as dimensões da realidade e transformam sua visão do mundo. Isso que o faz assumir atitudes diante de si mesmo e controlar suas ações e tendências, isso que o faz *autoconsciente*, constrói sua subjetividade, seu **eu**, e o leva a assumir a posição de **pessoa** no mundo. [cf. ASCH, 1966: 105-107].

Tudo isso, evidentemente, traz profundas conseqüências para as relações humanas. Com efeito, um campo mental e existencial reduzido limita as possibilidades de vida das emoções e das relações com todos os

objetos do real, inclusive as pessoas; assim como um horizonte extenso e rico pode propiciar relações mais diversificadas e duradouras.

Uma conclusão que daí decorre é que, por certo, uma das condições necessárias à existência de sociedade humana, tal como a conhecemos, reside em certo grau de organização na captação de fatos e relações. Desprovidas de estruturas cognitivas complexas, as ações humanas estariam presas a situações imediatas, deixando de ter como orientação um mundo constituído pelo sistema ordenado de relações, isto é, uma formação histórico-social. Por contraste, poderíamos pensar na ausência de organização social mais complexa e de um sistema de sentimentos e intenções entre os antropóides. Caberia então indagar: que coisas os impedem de exprimir emoções como o lamento da perda de ente querido, uma vez supresso o cadáver; ou expressar admiração, remorso, etc. como emoções duradouras? A razão disso parece estar na pobreza de seu sistema cognitivo e afetivo, sem suportes simbólicos mais sofisticados, e, portanto, sem os recursos da memória coletiva operando num tempo histórico. Com efeito, se eles pudessem ter orientação para o estar ausente, se pudessem dispor de uma consciência do passado e projetar propósitos para um tempo futuro, certamente que seriam capazes de relações mais permanentes dentro de quadros sociais bem mais complexos, e, portanto, com uma aparelhagem afetiva mais sofisticada.

São essas capacidades cognitivas, articuladas com as motivações e os sentimentos e afetos mais elaborados, que propiciam a passagem do modo de vida bio-societário para a modalidade do viver humano-social.

Assim, a modalidade de orientação da ação especificamente humana implica a aprendizagem da experiência social, também conhecida como *enculturação* ou socialização. Tudo indica que as próprias características orgânicas dos seres humanos exigem um modo de vida social como condição de existência, como seu ambiente natural. Mesmo que indivíduos da espécie humana possuam uma estrutura que se desenvolveu num longo processo evolutivo, nada sabemos como isso se daria na ausência de experiência social. As pesquisas de epistemologia genética vieram demonstrar a lenta construção das noções de espaço e de tempo, bem como das demais categorias fundamentais do entendimento humano, e sublinharam o importante papel que representa o processo de socialização

nessa aquisição cognitiva. O mesmo se dá com a aquisição da linguagem pela criança. Ora, como esse andamento ocorre segundo estádios regulares de desenvolvimento, é mister concluir que tal regularidade sequencial exige, como condição essencial, a ação de um meio social. É, pois, legítimo supor que sem linguagem e em estado de isolamento, o ser humano não chegaria a elaborar conceitos como ‘hoje’, ‘ontem’, ‘amanhã’, ou noções como a de ‘estações do ano’. Ou seja, conceitos com os quais o ser humano desenvolve seu sistema operatório e cognitivo. Portanto, as categorias com que ele pensa são conceptuais: para apreendê-las, ao longo do seu desenvolvimento, a criança precisa de uma coordenação geral de suas ações e da linguagem, o que só pode atingir tal grau de desenvolvimento mediante a experiência social. Com efeito, já é social o próprio conteúdo com que operamos distinções e classificações como, por exemplo, a divisão do dia em 24 horas, a hora em 60 minutos, um minuto em 60 segundos; ou a divisão geral do tempo em horas, dias, semanas, meses, anos, etc.. Em suma, tomemos a linguagem como modelo: para a sua aquisição, uma criança precisa ter potencialidades verbais e um ambiente de convivência com humanos que falam; do mesmo modo, em geral, as capacidades específicas dos seres humanos se originam tanto de potencialidades dos indivíduos quanto da ação persistente de um meio histórico-social.

Com efeito, se quiséssemos separar, imaginariamente, todas as características que um indivíduo possui em virtude de sua condição de membro de uma sociedade, teríamos de privá-lo da linguagem, dos valores, normas e crenças que regulam sua ação, e ainda das esperanças, ambições e propósitos ligados ao seu papel e ao seu *status*, privá-lo de amplas áreas de conhecimento e modelos operatórios; enfim, de tudo quanto compõe o sistema histórico-cultural a que está integrado. Portanto, seria realmente **humano** – qualquer que seja o significado que se atribua a esse termo – nos seus modos de agir, de sentir e de pensar, um indivíduo imaginariamente vivendo na ausência de dimensões socioculturais? Noutros termos, a indagação deveria ser invertida: por quais modos básicos o indivíduo da espécie humana tem suas características modificadas por sua existência em sociedade?

Podemos dizer que a característica psicológica decisiva a respeito da sociedade é a capacidade que apresentam os indivíduos de compreender experiências e ações uns dos outros e de reagir em função destas. Esse fenômeno básico que propicia as inter-relações dos indivíduos constitui o fundamento de todo o processo social e das transformações mais decisivas que ocorrem nas pessoas humanas. É isso que faz incorporar ao campo individual as características dos outros, isto é, os pensamentos, as emoções e os propósitos coletivos, ampliando o seu mundo para muito além do que poderia alcançar em seus esforços isolados. Viver em sociedade é conseguir uma articulação, num equilíbrio mutante, entre as experiências individuais e as experiências coletivas.

Ora, é sobre certos axiomas universais que se apoiam os fundamentos da existência social. O primeiro desses axiomas é o do **caráter objetivo do ambiente**. Em princípio, o ambiente se dispõe como objetivamente acessível a todos. Sua dimensão espacial possui as mesmas direções para todos; sua estrutura temporal – seu desdobramento entre um passado e um futuro, a ordem dos eventos que realiza a demarcação periódica, etc. – pode tornar-se assimilada por todos; e assim por diante. Nossa ação se desenrola com base nesse campo objetivo e aberto às nossas inter-relações com os outros. Não vivo num mundo privado, com um tempo, com um espaço e um sistema de causas e efeitos que sejam somente meus.

Por outro lado, essa semelhança estrutural entre as experiências humanas faz supor a exigência de um segundo axioma, o qual diz respeito à **unidade psicológica básica dos seres humanos**. Ou seja, o fato de que o ambiente seja objetivamente acessível a todos não é um atributo só deste: é um aspecto fundamental de cada ser humano e de nossas inter-relações. Em conclusão, a mesma lógica geral opera em nossas ações e pensamentos, pois não há uma lógica privada do indivíduo, assim como não há um espaço e um tempo privados.

É mister sublinhar, porém, que o axioma da nossa unidade psíquica básica não se restringe apenas aos processos cognitivos, visto que nossa estrutura emocional e motivacional também mostra uma similitude generalizada. Numa palavra, ao longo da experiência social, constata-se uma unidade básica em nossa atividade mental (percepção, emoções, motivos, pensamentos e propósitos), embora sofra variações em suas

expressões em contextos culturais diversos. Mas o certo é que nossas estruturas emocionais passam, socialmente, por transformação tão radical quanto nosso desenvolvimento cognitivo. A qualidade e a amplitude das experiências emocionais são expandidas pelo campo social compartilhado: a maior parte de nossas emoções e atitudes se dão em reação à presença e à ação dos outros. E estas tendem a se organizar em torno de objetos permanentes, pessoas e grupos valorizados segundo os códigos assimilados socialmente. Na sua expressão, nossas emoções e atitudes tendem a ser mais sistemáticas do que episódicas, e vão incorporando objetos sociais, grupos e instituições, que incluem a própria sociedade, a nação e a humanidade. É mediante esse desenvolvimento que se estrutura nosso eu, como sistema integrador que permite a autoavaliação e a avaliação das situações sociais e da ação dos demais. Em conclusão, para o melhor e para o pior, somente em sociedade nos tornamos humanos ou desumanos.

A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES E SUA MODELAGEM SOCIOCULTURAL

“Está o espírito humano exposto às mais surpreendentes injunções. Sem cessar, a si próprio se teme. Seus movimentos eróticos aterram-no. É com horror que a santa se afasta do voluptuoso, ignorando a unidade que existe entre as inconfessáveis paixões e as suas. No entanto, é possível procurar a coesão do espírito humano, cujas possibilidades vão da santidade à volúpia.”

BATAILLE [1968].

“As próprias tendências, a começar... pelas mais fisiológicas, não escapam a essa regra. Não se manifestam elas, (...), não têm existência concreta senão sob as formas que a coletividade lhes fixou. ... desde a sede que, conforme os agrupamentos humanos, é sede de vinho, de cerveja, de cidra, de água ou de chá, e que nunca, em parte alguma, é simplesmente sede. É o indivíduo quem traz as tendências, mas é a sociedade que, fornecendo a essas tendências

os meios e as vias para satisfazê-las, permite-lhe sua manifestação e dita-lhe assim os modos de expressão.”

CH. BLONDEL [1960].

Inicialmente, será fecundo examinar a contribuição das expressões emocionais para a compreensão da vida social. Ora, sabemos quão úteis são as ações das pessoas como fonte de conhecimento a seu respeito, assim como a observação da aparência de seu rosto, de seus gestos, de seu modo de andar, etc. Tudo isso que faz crescer esse conhecimento parece ainda maior na expressão das emoções.

Conforme assinala Asch, a forma humana é um dos objetos mais expressivos do ambiente em que vivemos; poucos dos seus movimentos deixam de apresentar qualidades expressivas, e tanto mais isso parece evidente no paroxismo da emoção. A apreensão de suas mutações emocionais amplia nossa compreensão dos outros, do mesmo modo que aumenta a rapidez e a sutileza da interação social: as mudanças do rosto, da postura, do caminhar, etc. Portanto, o aspecto e as mutações da forma humana integram-se a uma escala mais ampla de atributos expressivos que povoam nosso ambiente. Tais qualidades expressivas dão um caráter de realidade dramática à experiência que temos do meio ambiente e condicionam a forma de nos aproximarmos das coisas e das pessoas.

Esses fatos podem ser ilustrados, por exemplo, pela tendência que possuímos de atribuir propriedades fisionômicas ou mímicas à nossa experiência das cores. Como sabemos, Goethe foi um observador privilegiado desse gênero de experiências, tendo realizado estudos sistemáticos disso que descreveu como *valores afetivos das cores*. Efetuou experimentos prismáticos com as cores, mas sobretudo observou a paisagem através de vidros coloridos e descreveu sua aparência sob condições diferenciadas de luminosidade. A partir daí, distinguiu dois grupos de cores que produzem efeitos emocionais diversos: um grupo de **cores positivas**, que eram “rápidas, vivas e ambiciosas”; entre estas estavam, segundo ele, o amarelo, o vermelho-amarelado e o amarelo-avermelhado. Diz ele do amarelo: “Na sua mais alta pureza, leva sempre consigo a natureza do brilho e tem um caráter sereno, alegre e suavemente excitante... o amarelo desperta uma impressão acolhedora e agradável... Essa impressão de acolhimento

pode ser experimentada de maneira muito viva se olharmos para uma paisagem através de um vidro amarelo, especialmente num dia cinzento de inverno."⁴ No grupo das **cores negativas**, que ele diz produzir uma impressão de "inquietação, susceptibilidade e angústia", Goethe pôs o azul, o vermelho-azul e o azul-vermelho. Vejamos o que afirma ele do vermelho: "Transmite uma *impressão de gravidade e dignidade, e, ao mesmo tempo, de graça e atração. A primeira, no seu estado escuro profundo, a última em sua cor clara atenuada: assim, a dignidade da idade e a gentileza da juventude podem adornar-se com graus da mesma cor... O vidro vermelho mostra uma paisagem tão terrível que inspira sentimentos de temor.*" [Ibid., p. 315]. E a impressão do azul foi por ele descrita deste modo: "O azul nos dá uma *impressão de frio e assim, outra vez, lembra-nos da sombra. Falamos, anteriormente, de sua afinidade com o preto... Quartos de azul puro parecem, até certo ponto, maiores, mas, ao mesmo tempo, vazios e frios... A aparência dos objetos vistos através do vidro azul é sombria e melancólica.*" [Ibid., p. 311].

Tais citações deixam ver o muito de impressionismo ficcional do grande poeta que era o seu autor e muito de sua subjetividade individual. Mas aqui cabe indagar sobre as condições estimuladoras disso que chamamos de características expressivas. Há, entre os estudiosos, pelo menos duas interpretações. Conforme a primeira delas, esses atributos estão nas formas e nos movimentos dos objetos que nos excitam e levam a captar tais qualidades expressivas, conforme acabamos de ver nas citações de Goethe. A saber, perceberíamos esses atributos complexos diretamente tal como apreendemos o peso ou a altura de um objeto. Seria assim isso que nos faria falar do caráter sombrio de um ambiente ou da graça de um gesto. Mas há uma interpretação contrária a essa, segundo a qual as coisas ou os objetos seriam primariamente desprovidos de tais caracteres fisionômicos ou expressivos, visto que estes se associam aos objetos por meio da aprendizagem sociocultural: daí que, somente quando as coisas se ligam a experiências agradáveis ou desagradáveis é que adquirem qualidades expressivas. Portanto, não são as cores que produzem os efeitos descritos pelo poeta, porém tais efeitos provêm de associações específicas.

4 Cf.: *The Theory of Colours*. London: John Murry, 1840, p. 308, *apud* ASCH [1966: 159].

Vejam, todavia, mais atentamente um dos aspectos do tema central de que me ocupo nesta discussão, ou seja, a percepção da expressão das emoções nos seres humanos.

O modo como apreendemos as emoções dos outros constitui uma problemática crucial no estudo da vida social. É indubitável que as emoções representam uma fonte primordial para o conhecimento dos atores sociais e das situações. Em primeiro lugar, isso se deve ao fato de que a linguagem expressiva é bem mais ampla que a linguagem verbal e até a antecede, visto que a criança aprende a decodificar um olhar desaprovador e a emoção que o acompanha muito antes de poder compreender sua expressão oral. Pouco a pouco, esta última se impõe nas relações humanas, porém sem dispensar a expressão emocional que perdura complementando-a, acentuando-a e até modificando-lhe a significação. Ora, a própria linguagem verbal é plena de recursos expressivos, e pode atingir um alto grau de sutileza, de finura e de acuidade, ou o seu contrário. Enfim, há uma irretorquível dimensão social da expressividade humana como recurso de comunicação. E nisso reside a evidente importância de uma Sociologia das Emoções.

Eis por que o estudioso se depara desde logo com certo número de questionamentos fundamentais sobre a expressão das emoções humanas. Antes de tudo, como compreender a natureza da relação entre determinada experiência emocional numa pessoa e as mudanças externas que a acompanham? Mas o problema principal reside em saber se todos os seres humanos manifestam as mesmas ações exteriores quando experimental a mesma emoção. Noutros termos: existiria uma expressão específica para cada tipo de emoção?

É necessário resolver tal questão para decidir a respeito de um problema básico, que consiste em esclarecer se a expressão e sua correspondente experiência emocional estão ligadas de modo inato, ou se estão associadas por um processo de aprendizagem sociocultural. Como é evidente, a segunda alternativa sublinha a relevância dos efeitos de condições histórico-culturais na modelagem da expressão das emoções.

Outro problema básico diferente, embora correlato ao anterior, é o que diz respeito à nossa percepção de expressões emocionais nos outros: tratar-se-ia de uma apreensão direta de um percepto? Noutros

termos: observamos diretamente, na aparência do outro, o fato de ele estar experimentando um estado emocional qualquer (dor, pena, repugnância ou timidez, por exemplo)? Ou, na realidade, temos que aprender, num longo processo de socialização e de subjetivação, a significação de tais expressões emocionais, que, de início, nada nos dizem sobre o mundo interior dos outros?

* * *

A existência de atos expressivos nos estados emocionais suscita desde logo o problema de saber que funções desempenham as mudanças faciais e os movimentos corporais em geral quando ligados ao humor e às atitudes. Para fornecer algumas respostas a esse questionamento, aqui também seguirei os passos reflexivos de Asch em sua discussão psicossociológica mais abrangente [1966: 160-162].

Um ponto de vista clássico sobre essa questão foi o desenvolvido por Darwin, em sua obra sobre a expressão das emoções nos seres humanos e nos animais⁵. Embora essa obra traga outros desdobramentos, para os efeitos dos objetivos daquilo que nos preocupa aqui, basta saber que a essência do argumento de Darwin, coerente com sua perspectiva evolucionista, resume-se em sustentar que esses atos ou movimentos expressivos constituíam na origem partes de atividades práticas, tais como arreganhar os dentes na preparação para o ataque, estremecer a um sinal ou ruído de perigo, cerrar as pálpebras como reação involuntária a algo que ameaça o rosto, etc. Para Darwin, a permanência de tais movimentos expressivos constitui sobrevivências hereditárias em face de situações análogas: eles já tiveram uma função definida. Assim, expressões de desprezo ou nojo representariam formas abreviadas de reações faciais à náusea ou ao sabor de substâncias repugnantes. Tais vestígios abreviados possuem também um valor comunicativo evidente. Enfim, em seu argumento, está suposta uma relação de semelhança entre a emoção e a sua expressão.

Os behavioristas, ulteriormente, preservaram o fundamental do pensamento de Darwin, acrescentando, porém, uma modificação enriquecedora:

5 Cf.: DARWIN, Charles R.: *The Expression of Emotions in Man and Animals*. New York: D. Appleton & Co., 1873

ao invés de explicar o ato expressivo como resultado de um processo evolutivo, sugeriram que ele decorre de uma aprendizagem. Por exemplo, as reações faciais de um recém-nascido a certas situações seriam, de início, casuais; só quando os pais reagem a elas com aprovação e recompensa é que o recém-nascido as retém e aprende a repeti-las em condições semelhantes. Em suma, ele herda reflexos faciais e em seguida aprende a relacioná-los a circunstâncias adequadas na interação com os outros. Ou seja, *“o indivíduo reage com certas expressões não porque seus antepassados o fizeram, mas pelas mesmas razões que levaram seus antepassados, em sua infância, a fixar esse movimento.”* [Ibid., p. 161].

Portanto, é possível acolher a explicação mais abrangente proposta pelo próprio Asch. A expressão e a emoção integram um mesmo processo, sendo ambas respostas do indivíduo a certas condições; e a parte expressiva das emoções é o aspecto visível da experiência emocional, espelhando assim seu conteúdo e dinamismo: incluem tanto o sentimento interior quanto a ação externa. Ou seja, na expressão emocional, existe uma relação de isomorfismo entre a experiência interna e a ação exterior, que constitui condição necessária para a compreensão recíproca, isto é, esta não é subproduto daquela. Em resumo, as funções da expressão emocional são, primeiramente, uma ação externa de tensões que provêm de situação que provoca emoção, ampliando a resposta emocional. Num plano simbólico, elas servem à liberação de tendências impedidas de se completarem em determinadas condições. É a expressão, finalmente, que serve para comunicar a outros a qualidade de nossas experiências emocionais e de nossos sentimentos.

* * *

Para concluir, gostaria de insistir um pouco mais na influência dos fatores socioculturais na modelagem de nosso comportamento emocional e, sobretudo, na forma de suas expressões. Aparentemente, de todas as funções de nosso comportamento, a nossa afetividade parece ser a mais estritamente orgânica e, por conseguinte, aquela que menos deve sofrer a influência das condições sociais. É no domínio da afetividade que a doutrina da *“natureza humana”*, muito cara à psicologia de senso comum,

apresenta-se talvez com a maior força de convicção. De fato, é mister muito espírito crítico para não se deixar seduzir pela idéia de que se está diante do “homem universal”, quando nossa consciência é absorvida pelas impressões de gozo ou de dor, nas emoções ou nas paixões.

Entretanto, a ampla gama de estudos etnológicos sobre a intensa variedade de expressões emocionais (choro, lágrimas, beijo, riso, raiva, evitação, reações corporais, agressão, etc.) diante de situações como alegria, separação, ciúme, morte, perdas, disputas, conflitos, etc., em diversos contextos culturais ou em diferentes épocas históricas, comprovam, com abundância de fatos seguramente registrados, que os fatores socioculturais do comportamento afetivo são importantes pelo menos de três pontos de vista:

(i) em primeiro lugar, eles representam quase sempre um papel saliente na determinação das situações que provocam esta ou aquela emoção;

(ii) em seguida, eles tendem a condicionar também o nível do comportamento emocional manifesto que se produzirá em tais situações;

(iii) e, enfim, eles tendem a influenciar poderosamente o modo como as emoções se manifestam. [Cf. Klineberg, 1957: 193].

Na realidade, a expressão das emoções é sempre uma linguagem e como tal ela constrói seus códigos a partir dos materiais e dos modelos que lhe fornece a cultura em que se manifesta. Portanto, na medida em que os comportamentos emocionais constituem assim uma linguagem, é perfeitamente legítimo esperar que eles variem quando se passa de uma sociedade a outra. Por exemplo, a expressão do medo é mais ou menos a mesma na China e no Ocidente, isso já não ocorre no caso da cólera: o Chinês irritado arregala os olhos, arredondando-os; e eis por que eles supõem que os Europeus estão sempre encolerizados. Estirar a língua é um sinal de surpresa entre os Chineses. Noutras culturas, cuspir não é forçosamente um sinal de desprezo; isso pode exprimir uma bênção entre os Árabes. Em resumo, muitas das manifestações humanas, universalmente consideradas como emocionais, podem possuir significações bastante diferenciadas: chora-se, não apenas de tristeza, mas também de alegria intensa, quando se reencontra uma pessoa querida longamente ausente. O riso, o sorriso, etc. possuem ampla variedade de significações: os Cafres e os Dayaks de Bornéu costumam sorrir para exprimir seu desdém; já no

Japão tradicional, não se costuma sorrir por júbilo, mas antes para exprimir embaraço, quando por exemplo um superior passa uma reprimenda ou quando traz má notícia; quando uma mãe de samurai sabia da morte do marido ou do filho em combate, ela sorria.

E assim por diante, as diferentes situações que a vida reserva para os indivíduos exigem deles reações emocionais que variam amplamente. O nascimento de gêmeos é uma dessas situações: em certos lugares é motivo de vergonha ou de ódio; no delta do Níger, a mãe e as crianças são levadas à morte ou, se a mãe for poupada, será socialmente rejeitada; perto dali, entre os Bamilekê, dos Camarões, esse fato é ao contrário ocasião de grandes alegrias, etc. A morte é, em geral, motivo de tristeza, mas nem sempre: os Esquimós se rejubilam de morrer por conta da imortalidade que os espera; entre os Kwakiutl, há alguma aflição, mas também sentimentos de vergonha, de ofensa e de cólera. A vida sexual é outro território de grandes variações culturais no que tange aos sentimentos. Nalguns países, o ciúme está ausente, ou é excepcional, ou ainda desconsiderado, como entre os Marquesanos. Já a importância afetiva atribuída ao amor, no Ocidente, parece ser na verdade raro alhures. É fora de dúvida que se conhecem um pouco por toda parte casos de paixão amorosa exclusiva; todavia, na maioria dos povos, as pessoas que apresentam tal comportamento são alvo de zombarias. Em seu clássico *Coming of Age in Samoa*, Margaret Mead afirma que os Samoanos riem das histórias de amor romântico, zombam da fidelidade a uma mulher ou a uma amante longamente ausente, acreditam e dizem expressamente que um novo amor cura perfeitamente o anterior. De modo geral, os sentimentos em Samoa são efêmeros: amor e ódio, ciúme e desejo de vingança, tristeza e solidão após um luto, só duram algumas semanas. Em tal sociedade, nenhuma situação é definida como susceptível de provocar estados afetivos duradouros. Por conseguinte, dentro de limites amplos, podemos na verdade falar de uma modelagem cultural das emoções e de suas expressões. [Stoetzel: *passim*]

No pórtico desse clássico da Antropologia moderna, que é o seu *Padrões de Cultura* [1934], Ruth Benedict põe em epígrafe este sábio provérbio dos índios Digger: “No princípio, Deus deu um vaso a cada povo, um vaso de barro, e por este vaso bebiam a sua vida.” Pois bem, esta bela metáfora contém justamente a chave da tese que exponho neste curto

ensaio, a saber, é nesse vaso que cada cultura modela seu comportamento emocional e a conduta em geral. Ou, então, cada cultura é outro vaso.

E se assim ocorre é porque o comportamento afetivo é importante para as sociedades humanas. É na afetividade e por meio desta que os indivíduos tomam conhecimento dos valores e os incorporam a sua conduta, transformando-os em crenças. Com efeito, pela percepção e pela inteligência o sujeito se relaciona e opera com os objetos do real, inclusive ele próprio, os quais possuem atributos que são em princípio indiferentes, ou seja, aquilo que os filósofos chamam de ‘qualidades sensíveis’. Todavia, experimentar prazer ou sofrimento, admiração, medo, ódio, etc., é ter a experiência de uma situação, de um objeto, de uma pessoa, como agradáveis, dolorosos, admiráveis, apavorantes, odientos. Significa também se conduzir em relação a essa situação, a esse objeto, a essa pessoa. Portanto, toda sociedade se interessa pelo comportamento afetivo porque suas manifestações se impõem, e podem, a partir de certo grau, representar uma perturbação de difícil gestão ou mesmo incontrolável, correndo o risco de comprometer a ordem coletiva. Eis por que toda sociedade tende a intervir, criando as situações, definindo os valores e regulando as condutas, ao ponto mesmo de institucionalizá-las. [Stoetzel: *ibid.*].

A partir de certo momento em suas pesquisas, Malinowski decide submeter certas hipóteses explicativas da Psicanálise ao confronto comparativo com outras culturas que não as ocidentais modernas, sobretudo porque fenômenos que pareciam mais peculiares destas eram tratados como se fossem atributos universais da natureza humana. Assim, em 1927, ele publica alguns de seus resultados e reflexões críticas em seu *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem*. As suas conclusões aparecem especialmente, na terceira e na quarta parte dessa obra, e em particular no capítulo VIII desta última (“Do Instinto ao Sentimento”), de onde retiro a citação que segue: “... mediante o crescente controle cultural, surge no homem uma complexidade nas respostas humanas... O mecanismo que vemos em ação nesse processo baseia-se na relação entre impulsos inatos, emoções humanas e fatores sociais. ... a organização de uma sociedade tem ideais econômicos, sociais e religiosos a serem impressos na inclinação sexual de homens e mulheres. (...) Assim, a criança aprende os princípios da casta, ordem ou divisão do clã pela evitação concreta, pelas preferências

e submissões em que é educada mediante medidas concretas. Certo ideal fica desse modo impresso no espírito... É imperioso compreender que esta moldagem e a inculcação progressiva dos ideais não é feita por alguma atmosfera misteriosa, mas por certo número de influências concretas e bem definidas. ... a criança, no lar paterno, é educada pela repressão dos pais, pela opinião pública dos mais velhos, pelo sentimento de vergonha e desconforto despertados pelas reações a certos tipos de conduta. (...) Todos esses fatos revelam-nos que o homem exprime progressivamente suas atitudes emocionais em arranjos legais, sociais e materiais, e que estes por sua vez reagem sobre sua conduta, moldando o desenvolvimento de seu comportamento e de suas perspectivas. O homem configura seu ambiente de acordo com suas atitudes culturais e o seu ambiente secundário por sua vez produz os típicos sentimentos culturais.” [1973: 191-196].

Ele conclui pioneiramente suas reflexões, sublinhando a necessidade crucial de criar **uma teoria dos sentimentos humanos**, pois quanto mais os sociólogos e antropólogos elaborarem tal teoria da formação desses sentimentos em condições culturais e de sua correlação com a organização social, tanto mais estaremos próximos de uma correta compreensão da conduta humana e, portanto, de uma Sociologia das Emoções como contribuição nova ao estudo da sociedade.

Penso, finalmente, que toda essa concepção parece que já estava contida na ironia destes versos de Goethe:

*Quem quer conhecer e descrever o vivente,
Procura primeiro desembaraçar-se do seu espírito,
E depois de ter as diferentes partes na mão,
Falta só, infelizmente, a faixa espiritual que as une⁶.*

6 Apud Ruth BENEDICT, s/d., p. 7.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAHAM, Dr. Karl:

1969 *Psychanalyse et Culture*. Paris: Payot.

ALBERONI, Francesco:

1987 *L'Érotisme*. Paris: Ramsay.

ANCONA, L. *et Al.*:

1959 *La Motivation*. Symposium de l'Association de Psychologie Scientifique de langue française (Florence, 1958). Paris: PUF.

ARISTÓTE, Jackie Pigeaud:

1988 *L'Homme de Génie et la Mélancolie*. [edição bilingüe]. Traduction, présentation et notes de J. Pigeaud. Paris: Éditions Rivages.

1998 *Retórica*. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [Especialmente o Livro II: “Provas ou Meios de Persuasão: Emoções e Caráter”].

2000 *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret.

ASCH, Solomon E.:

1966 *Psicologia Social*, 2ª ed.. São Paulo: C.E.N.

BATAILLE, Georges:

1968 *O Erotismo*. Lisboa: Moraes editores.

BENEDICT, Ruth:

S/d. *Padrões de Cultura*. Lisboa: Livros do Brasil.

BERGER, Peter and LUCKMANN, Thomas:

1967 *The Social Construction of Reality*. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin Books.

BERGSON, Henri:

- 1958 *Le Rire. Essai sur la signification du comique.* Paris: PUF.
- BERLINCK, Manoel T. (org.):
- 1985 *O Desejo na Psicanálise.* Campinas: Papyrus.
- BLONDEL, Charles:
- 1960 *Introdução à Psicologia Coletiva.* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- BONNER, John Tyler:
- 1983 *A Evolução da Cultura nos Animais.* Rio de Janeiro: Zahar.
- BRESSON, F. et Al.:
- 1967 *Les Processus d'Adaptation.* Symposium de l'Association de Psychologie Scientifique de langue française (Marseille, 1965). Paris: PUF.
- BUBER, Martin:
- 1970 *¿Qué es el Hombre?* México: FCE.
- BUYTENDIJK, F. J. J.:
- 1951 *De la Douleur.* Paris: PUF.
- CAILLOIS, Roger:
- 1976 *Instincts et Société.* Essais de sociologie contemporaine. Paris: Denoël-Gonthier.
- CARDOSO, Sérgio et Al.:
- 1987 *Os Sentidos da Paixão.* Curso promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Fundação Nacional de Arte, em 1986. São Paulo: Cia. das Letras.
- CASSIRER, Ernst:
- 1992 *Antropología Filosófica.* Introducción a una filosofía de la cultura. México: FCE.
- CAZENEUVE, Jean:

- 1968 *Felicidad y Civilización*. Buenos Aires: Paidós.
- COELHO, Rui Galvão de Andrada:
- 1969 *Estrutura Social e Dinâmica Psicológica*. São Paulo: Pioneira.
- DESCARTES, René:
- 1973 *As Paixões da Alma*. Col. “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural.
- DEWEY, John:
- 1894-5 “The Theory of Emotion: I. Emotional Attitudes. II. The significance of emotions”, *Psychol. Rev.*, 1, 553-569, e 2, 13-32.
- DOMENACH, Jean-Marie:
- 1967 *Le Retour du Tragique*. Essai. Paris: Seuil.
- DUFRENNE, Mikel:
- 1959 *La Personalidad Básica*. Un concepto sociológico. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- DURKHEIM, Émile:
- 1968 *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*. Le système totémique en Australie. 5e éd.. Paris: PUF.
- 1970 *Sociologia e Filosofia*, 2ª ed.. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. [Em especial o ensaio: “Representações individuais e representações coletivas”].
- DUVIGNAUD, Jean:
- 1990 *La Genèse des Passions dans la Vie Sociale*. Paris: PUF. [Um dos raros sociólogos que ousaram examinar esta temática com competência e beleza].
- ELIAS, Nobert:
- 1973 *La Civilisation des Mœurs*. Paris: Calmann-Lévy.
- FRAISSE, Paul:
- 1963 “Les Émotions”, in FRAISSE, Paul et PIAGET, Jean (orgs.): *Traité de Psychologie Expérimentale*, tome V: *Motivation, Émotion et Personnalité*. Paris:

PUF, pp. 83-153.

FREUD, Sigmund:

1973 *Obras Completas*, 3 tomos. 3ª ed.. Traducción del alemán por Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva.

GAY, Peter:

1988 *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras.

GEERTZ, Clifford:

1986 *Savoir Local, Savoir Global*. Les lieux du savoir. Paris: PUF.

GERTH, Hans e MILLS, Wright C.:

1973 *Caráter e Estrutura Social*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GIDDENS, Anthony:

1993 *A Transformação da Intimidade*. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. 2ª ed.. São Paulo: Editora Unesp.

GINSBURG, Morris

1966 *Psicologia da Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.

GOBLOT, Edmond:

1952 *Traité de Logique*, 9ª éd.. Paris: Armand Colin.

GOLEMAN, Daniel:

1995 *Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva.

HALL, Edward T.:

1964 *The Silent Language*. New York: Fawcett World Library.

1977 *A Dimensão Oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

1987 *Au-delà de la Culture*. Paris: Seuil.

HEBB, D. O.:

1953 *Psycho-physiologie du Comportement* [The Organization of Behavior]. Paris: PUF.

HEIDEGGER, Martin:

1988 *Ser e Tempo*, 2 tomos. Petrópolis: Vozes.

HERTZ, Robert:

1928 *Mélanges de Sociologie Religieuse et Folklore*. Paris: Félix Alcan.

JAMES, William:

1884 "What is emotion", *Mind*, 9, 188-205.

1952 *The Principles of Psychology*. "Great Books". Chicago: Encyclopaedia Britannica.

JEANSON, Francis:

1950 *La Signification Humaine du Rire*. Paris: Seuil.

JOLIF, J.-Y.(O. P.):

1970 *Compreender o Homem*. Introdução a uma antropologia filosófica. São Paulo: Herder / Edusp.

KARDINER, Abram:

1955 *Fronteras Psicológicas de la Sociedad*. Com a colaboração de R. Linton, C. du Bois e J. West. México: FCE.

KLEIN, Melanie e RIVIERE, Joan:

1960 *Las Emociones Básicas del Hombre*. Buenos Aires: Editorial Nova.

KLINEBERG, Otto:

1957 *Psychologie Sociale*, 2 tomes. Paris: PUF.

KRECH, David, CRUTCHFIELD, R. S. and BALLACHEY, E. L.:

- 1962 *Individual in Society*. New York: McGraw-Hill Book Co..
- LANNOY, Jacques-D. de et FEYERESSEN, Pierre:
- 1987 *L'Éthologie Humaine*. Paris: PUF.
- LINTON, Ralph:
- 1959 *Cultura y Personalidad*. México: FCE.
- LORENZ, Konrad:
- 1967 *Évolution et Modification du Comportement. L'Inné et l'Acquis*. Paris: Payot.
- MACHADO, Roberto:
- 1990 *Deleuze e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Graal.
- MAISONNEUVE, Jean:
- 1975 *Introduction à la Psychosociologie*. Paris: PUF.
- MALINOWSKI, Bronislaw:
- 1973 *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem*. Petrópolis: Vozes.
- MALRIEU, Philippe
- 1952 *Les Émotions et la Personnalité de l'Enfant*. Paris: Vrin.
- 1956 *La Vie Affective de l'Enfant*. Paris: Les Éditions du Scarabée.
- MAUSS, Marcel:
- 1968 *Sociologie et Anthropologie*, 4e ed., précédé d'une "Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss" par Claude Lévi-Strauss. Paris: PUF.
- 1971 *Essais de Sociologie*. Paris: Minuit. [Em especial o esclarecedor ensaio "L'Expression obligatoire des sentiments"].
- McDOUGALL, William:
- 1960 *An Introduction to Social Psychology*. London & Edinburgh: Methuen.
- MEAD, George H.:

1953 *Espíritu, Persona y Sociedad* [Mind, Self and Society]. Buenos Aires: Paidós.

MEAD, Margaret:

1961 *Adolescencia y Cultura en Samoa*. Buenos Aires: Paidós.

1962 *Sexo y Temperamento*. Buenos Aires: Paidós.

MENEZES, Eduardo Diatay B. de:

1999 “Cultura e Estruturas: Liberdade, Consciência e Felicidade”, conferência proferida no IIº Congresso: MAL-ESTAR E SUBJETIVIDADE, Universidade de Fortaleza, Mestrado em Psicologia e Subjetividade, de 15 a 17 de Março.

MERLEAU-PONTY, Maurice:

1957 *La Estructura del Comportamiento*. Buenos Aires: Hachette.

MONTAGU, Ashley:

1961 *La Dirección del Desarrollo Humano*. Madrid: Tecnos.

MORIN, Edgar:

1975 *O Enigma do Homem*. Para uma nova Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar.

MORIN, Edgar et PIATTELLI-PALMARINI, Massimo (orgs.):

1974 *L'Unité de l'Homme – invariants biologiques et universaux culturels*. Centre Royaumont pour une Science de l'Homme. Paris: Seuil.

NIETZSCHE, Friedrich:

1972 *La Généalogie de la Morale*. Traduit de l'allemand par H. Albert. Paris: Gallimard

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de:

Razão e Afetividade – O pensamento de Lucien Lévy-Bruhl. Col. CLE (Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência). Campinas: UNICAMP.

OLIEVENSTEIN, Claude:

1987 *Le Non-dit des Émotions*. Paris: Odile Jacob.

PAGÈS, Max:

1976 *A Vida Afetiva dos Grupos*. Petrópolis: Vozes / São Paulo: Edusp.

PASCAL, Blaise:

1957 *Œuvres Complètes*. Bibl. de la Pléiade. Texte établi et annoté par Jacques Chevalier. Paris: Gallimard. [*Pensées*. Na edição brasileira, *Pensamentos*, tradução de Sérgio Milliet, São Paulo: Difel, 1957, a numeração dos fragmentos segue outro critério].

PAZ, Octavio:

1995 *A Dupla Chama: Amor e Erotismo*. São Paulo: Siciliano.

PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie:

1996 *Tratado da Argumentação*. A nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes.

PIAGET, Jean:

1954 *Les Relations entre l’Affectivité et l’Intelligence dans le Développement Mental de l’Enfant*. “Les Cours de Sorbonne”. Paris: C. D. U.

1959 *La Formation du Symbole chez l’Enfant*. Imitation, jeu et rêve, image et représentation. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.

1976 *Le Comportement, moteur de l’Évolution*. Paris: Gallimard.

PLATON:

1970 *Œuvres Complètes*, tome II. Bibl. de la Pléiade. Traduction nouvelle et notes par Léon Robin. Paris: Gallimard. [Esp. *Philèbe ou Du Plaisir*, pp. 549-634].

RODRIGUES, José Carlos:

1979 *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé. [Em especial o tópico “Os Códigos da Emoção”, no cap. II].

RÓHEIM, Géza:

1972 *Origine et Fonction de la Culture*. Paris: Gallimard.

SARTRE, Jean-Paul:

1965 *Esboço de uma Teoria das Emoções*. Rio de Janeiro: Zahar.

SCHELER, Max:

1957 *Esencia y Forma de la Simpatía*. Buenos Aires: Losada.

SCHNEIDER, Monique:

1993 *Afeto e Linguagem nos Primeiros Escritos de Freud*. São Paulo: Escuta.

SIMMEL, Georg:

1989 *Philosophie de la Modernité*. Paris: Payot.

SIMON, Michel:

1982 *Comprendre la Sexualité Aujourd'hui*. Lyon: Chronique Sociale de France.

SMITH, Adam:

1999 *Teoria dos Sentimentos Morais*. São Paulo: Martins Fontes.

SOROKIN, Pitirim A.:

1959 *Estructura Mental y Energías del Hombre*. México: Instituto de Investigaciones Sociales – Universidad Nacional.

SPINOZA,

1954 *Œuvres Complètes*. Bibl. de la Pléiade. Paris: Gallimard. [Esp. *L'Éthique*].

STOETZEL, Jean:

1963 *La Psychologie Sociale*. Paris: Flammarion.

UEXKÜLL, Jacob von:

S/d. *Dos Animais e dos Homens – Digressões pelos seus mundos próprios –*

Doutrina do significado. Lisboa: Livros do Brasil.

UNAMUNO, Miguel de:

1985 *Del Sentimiento Trágico de la Vida*. Madrid: Espasa-Calpe.

WALLON, Henri:

1949 *Les Origines du Caractère chez l'Enfant*, 2e éd.. Paris: PUF.

YOUNG, Kimball:

1957 *Handbook of Social Psychology*. London: Routledge & Kegan Paul.

OBRAS DE REFERÊNCIA:

ABBAGNANO, Nicola:

1998 *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.

DORSCH, Dr. Friedrich *et Al.*:

2001 *Dicionário de Psicologia*. Petrópolis: Vozes.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS:

1986 *Dicionário de Ciências Sociais* [Unesco]. Rio de Janeiro: Editora da FGV.

LALANDE, André:

1956 *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*. Paris: PUF.

LAPLANCHE e PONTALIS:

1995 *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

THEODORSON, George A. and Achilles G.:

1970 *A Modern Dictionary of Sociology*. London: Methuen.

Comunicação apresentada no Grupo de Trabalho (GT) – Sociologia da Emoção, durante o X ENCONTRO DE CIENTISTAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE DO BRASIL Salvador, Pavilhão de Aula da Universidade Federal da Bahia, 15 a 17 de agosto de 2001.
